



Gaiato



Quinzenário

26 de Janeiro de 1991

Ano XLVII - Nº 1223 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

O Problema da Habitação

NÃO podemos desanimar. Quem experimentou, alguma vez, o caminho dos Pobres e o fez com devoção, não pára. À medida que os problemas vão surgindo, inventam-se novas formas de responder. Que o digam os vicentinos e vicentinas a viver a sua vocação em comunidades pouco sensibilizadas para a dimensão social e caritativa. O Amor é inventivo. É criador de soluções. Vai até onde pode ir. Depois... é a alegria que não tem conta nem medida.

No sábado passado dei um salto a uma paróquia vizinha. Há, ali, um grupo de vicentinas com garra. Tanto assim é que, depois de baterem a todas as portas da sua comunidade; depois de ouvirem o sim e o não; sempre de cabeça erguida porque se trata de uma causa nobre, vieram abanar o Fundo do Património dos Pobres. Oh, quem duvida da força de quem anda metido nestes trabalhos! Que o diga este grupo de vicentinas. É o caso duma família, ele e ela com cinco filhos, a viver num cubículo. Que se pode esperar duma situação destas? O desmantelamento, se não houver quem lhe dê a mão. E quem? A paróquia. Sim, primeiro a paróquia. Quando numa família alguém adocece ou cai em necessidade a quem acorre em primeiro lugar? À família. Assim deve ser. Depois, e só depois, estende a mão a outras mãos. A paróquia «funciona», deve «funcionar» por exigência da sua natureza, como a família dos que nela vivem. Oh, quem dera que assim fosse! Como a mãe boa que cuida dos seus filhos e não entrega a outrem os cuidados que lhe pertencem por direito e dever, assim a paróquia cuide dos seus Pobres como a porção mais querida que faz a sua verdadeira riqueza.

Até ao momento, as vicentinas fizeram tudo o que podiam, no seu lugar. É a hora de outras mãos se juntarem às delas.

O terreno foi oferecido. A mão d'obra vem do chefe de família, da mulher, dos filhos, dos amigos e outros. O material é dado pelas vicentinas, comprado com dinheiro da freguesia. A placa e o telhado ficam por conta do Fundo do Património dos Pobres. A casa tem o que é necessário para que uma família possa viver dignamente. Fui lá para ver e agir. A obra vai para a frente até chegar ao fim. Na Conservatória do Registo Predial há-de constar o nome de mais um proprietário que deixou o álcool e a taberna porque tem a sua casa. E Portugal ganhou mais uma família. E a Igreja mostrou que é Mãe. Quem diria que um gesto pequenino, escondido, leva em si tanta força que chega aos cinco continentes. O fermento é assim. O Reino constrói-se assim. O Fundo Social para a habitação em cada paróquia pode ser a forma.

Padre Manuel António

A tragédia humana daquela família de sete filhos a viver numa barraca, no Castelo Velho, e a persistência cristã da jovem mãe de família que, a todo o custo, pretende arrancar à degradação, as inocentes crianças, teve algum eco por esse País fora. Digo algum, não porque não fosse forte em determinados corações, mas porque não foi geral.

Fico assim a pensar que O GAIATO não é lido, pelo menos, em Setúbal, onde os pequenos vendedores distribuem mais de três mil exemplares quinzenalmente.

As pessoas compram, mas não lêem. Se lêem, não acreditam. Nem que um morto ressuscitasse... Era assim naquele tempo... Continua a ser assim no nosso...

Tanta gente bem instalada, às vezes com luxuosas vivendas na cidade e no campo..., com apartamentos, andares ou airosas casas de praia, banqueteadando-se e elogiando-se num alheamento indesculpável para com o Pobre, carregado de feridas sociais lambidas pelos cães!... Como se as suas habitações e comodidades não fossem, elas próprias, uma permanente acusação perante a extrema e larga miséria dos Outros. Como se tudo dependesse das estruturas, do Estado, e nada devéssemos fazer. Como se não fosse a nossa força que há-de mudar as estruturas e acordar o próprio Estado, violentando-o com a violência sobre nós próprios, à maneira de Jesus, procurando entrar pela porta estreita.

SETÚBAL

ENCONTROS

EM LISBOA

Do alto da colina podia admirar-se o Tejo. Extenso lençol de água, cor de prata, perdendo-se no longe. Barcos, grandes e pequenos, avançam lentamente. Aves entretêm-se em voos que fazem lembrar danças de muitos e variados passos. Uma ligeira brisa acarícia-me o corpo. Tudo parecia convidar à paz. Mas, precisamente ali, no alto da colina, a minha vergonha, a nossa vergonha: o inferno com a forma de um imundo bairro de lata. Assim vou conhecendo Lisboa!

Mais de cem famílias. Tudo misturado: cães, homens, roupas, galinhas, mulheres, gatos, crianças, ratos, loiças, chapas, papéis, idosos... Tudo faz parte do mesmo monte. Rostos de sofrimento. Olheiras fundas de noites mal dormidas, batidas pelo frio, a chuva e o vento. Caras de álcool. Corpos dobrados. Ventres de mulheres que anunciam esperança e rugas

Continua na página 4

TRIBUNA DE COIMBRA

A prenda mais saborosa deste Natal foi o baptizado de três e a primeira comunhão de vinte. A festa interior e exterior que todos fizeram. — *Senhor padre, estou tão contente por ser baptizado!* — exclamou um, no meio do grupo em viagem. Que alegria estampada no rosto e na voz de cada um!

Com este sabor espiritual queremos que os nossos leitores saibam também connosco o pão que nos chegou e, juntos, louvemos o

Continua na página 3



Não pensa assim aquele senhor, que, sem palavras, nem cartões, nem cumprimentos, nem nada, pôs no correio, sem remetente, um cheque de mil contos dirigido à Casa do Gaiato.

Não pensam assim aquelas duas jovens Maria Isabel e Berta que arrancaram às suas mesadas dois contos para a mãe dos sete filhos.

Não pensa assim quem manda um cheque de cem contos: «Acabo de ler O GAIATO e fiquei muito impressionada com esse casal de sete filhos e sem casa! E eu sozinha, viúva, sem filhos num casarão. Também fiquei cheia de admiração pela senhora que está à frente da ajuda a essa família. Que Deus lhe dê a força do Espírito Santo para continuar essa missão».

Não pensam assim as dezenas de reformados, que vencendo as ilusões da vida, nos dão lições de clara sabedoria comungando nas nossas dores e repartindo as suas magras reformas com os Pobres!

Não pensam assim os que souberam viver com austeridade o seu Natal, pondo os olhos no presépio vivo, e sempre actual, dos Pobres; e, como no tempo de Jesus, fizeram eles próprios quanto puderam para tornar mais confortável a manjedoura!

Não pensou assim a Comunidade Cristã da Anunciada de Setúbal que,

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

SAÚDE — Não é demais referir o problema da assistência medicamentosa que os Pobres necessitam, já que o receituário está a preços incompensáveis; com uma agravante: alguns fármacos não são comparticipados pela Segurança Social.

Este problema social já desperta a atenção de certas esferas, pois a vida e a saúde dos Pobres deveria merecer especial cuidado numa sociedade em vias de desenvolvimento. Infelizmente, as assimetrias são evidentes!

Assiduamente, acudimos a muitos doentes, com remédios para tratamento. Contas que, por vezes, escaldam. E reflectimos sempre, um pouco, sobre o que acontecerá em muitas comunidades que marginalizam os Pobres, sofrendo calvários, a sós, quando mais precisam de ter algo que minimize ou cure enfermidades.

Não há muito tempo, sugerimos formas de atendimento. Há muitas instituições que poderão dar a mão com eficácia — sendo apoiadas. Serviço que faz parte da sua mística e acção.

Na Luta Contra a Pobreza, que ora decorre, com vultosos fundos da CEE, seria curial a equipa debruçada na implementação de programas regionais não descursasse o caso vertente que aflige, talvez, um quinto da população. Há quem não tenha p'ra pão e caldo, quanto mais pró resto...!

PARTILHA — A «casa do Xai-Xai» não tardará a ficar pronta, se o tempo

ajudar... Nesta procissão, alguns samaritanos participam na sua conclusão. Assinante 4456, da Covilhã, com cheque repolhudo e um desabafo: «É uma pena que alguns homens públicos, a começar pelos que se reclamam de valores cristãos (...), não se lembrem a sério dos Pobres, a não ser em palavras». Maria Delmira, de Lisboa: «Há tempos que não envio qualquer ajuda... mas chegou a hora! O meu marido retirou-se do mundo do trabalho, por doença. Assim, vai entrar em reforma por invalidez. Mas não queremos deixar de nos lembrar dos que precisam de nós. Retirem da pequena verba algo para a «casa do Xai-Xai».

Donativo da assinante 6790, da capital. «Partilha de Outubro/Novembro», de «Uma assinante de Paço d'Arcos» — há quantos anos! Cinco contos, da assinante 6205, de Goães. O mesmo, do assinante 42971, de Ovar, «por uma intenção pessoal». Nove, da assinante 28966, da Ericeira: «Gosto muito de ler O GAIATO antes de adormecer. É quase como se fosse uma página de Evangelho do Senhor Jesus Cristo». Parte dum cheque, da assinante 27044, de Alvide (Cascais). Outro, do assinante 32986, do Porto: «Não encontro melhor maneira de começar o ano do que enviar alguma coisa para os Pobres. Até porque amanhã pode ser tarde. Já dizia Pai Américo que queria dinheiro dos vivos e não dos mortos». Mil, do assinante 27121, de Queluz. Por fim, o dobro, dum assinante de Ílhavo, «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Apesar da pouca saúde, mais uma vez me incorporo na procissão dos muitos que gostam de tornar menos pesada a cruz dos nossos Irmãos».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

BAPTIZADOS E COMUNHÃO — Vinte rapazes fizeram a primeira Comunhão, três dos quais foram baptizados — como já referimos na última edição — em 6 de Janeiro, domingo de Reis.

Andavam entusiasmados com a festa e em arranjar padrinhos.

Depois, no domingo à tarde, deram um passeio com o nosso Padre Horácio, à Praia de Mira e à Lentisqueira, visitar a irmã.

AULAS — Começou o segundo período. Alguns tiveram muitas negativas; outros, boas notas.

Esperamos que, neste período, consigam tirar melhores resultados.

PECUÁRIA — O gado continua a ser bem tratado.

Agora, temos uma nova equipa de rapazes responsáveis pela pecuária, visto que o responsável foi para a tropa.

Duas porcas deram à luz dezoito leitões que estão a ficar muito bonitos!

Serafim

TOJAL

ANO NOVO — Começou. Vamos ver como acaba, tanto na escola como no trabalho. Tudo depende de cada um de nós. O mundo será aquilo que nós formos...

FRUTA — Há fartura de laranjas na nossa quinta. Laranjeiras carregadas! Para mais, recebemos, também, grandes ofertas de variada fruta e de yogurtes, que são uma delícia para a comunidade.

FUTEBOL — A nossa equipa já começou a trabalhar. Agora só nos faltam adversários que nos queiram defrontar!

Resolvemos dar à estampa uma gravura do conjunto e a legenda identifica todos e cada um dos elementos.

Luís Miguel Fontes

PAÇO DE SOUSA

O NOSSO NATAL — As vésperas foram de bulício. A alegria dos nossos pequeninos é grande... Fazem perguntas, querem atenção e não encontrava tempo! Um beijito, uma palavrita sempre de corrida: — Não tenho tempo querido...!

Na cozinha um grupo à volta dos fritos. Boa harmonia. Embora exaustos, cumpriam a tarefa das rabanadas com alegria. Na sala, ao lado, batiam a massa das filhós para levedar. «Batatinhas» e «batatões» passam como «ratitos» para provarem e sentirem um sinal de ternura.

Vamos ao jantar: Massa com frango, acompanhada com um copito de vinho da nossa quinta.

Passo pela capela e dou graças a Deus por tudo correr bem. Pego na Bíblia e leio «Quem tiver deixado a casa, os irmãos... por Minha causa receberá cem vezes mais, agora no tempo presente». E como o sono não chegava, abro «Os poemas para rezar», de M. Quoist. Rio-me com o que apareceu: «Tenho tempo, Senhor». Ajudou-me a reflectir nas vezes que disse: — Não tenho tempo! Agora, «peço-te a graça de fazer conscienciosamente, no tempo que me dás, o que queres que eu faça». Chegou na hora exacta. O poder de Deus é assim!...

Dia 24, feitas as filhós, a aletria, enquanto uns tratavam da bacalhoda, outros enfeitavam as mesas e punham as lambarices nos pratos.

Mais desafogada, procurava responder às perguntas dos pequenitos. — Olha, é o Natal. E porque há prendas? Mas na minha casa não tinha... O meu pai bebia muito vinho e batia... Não havia festa... Porquê?

Entretanto, refugiei-me na capela onde Pai Américo, penso eu, também se teria fechado, aflito... muitas vezes. Meditei na alegria daqueles que têm quem os ouça pacientemente. A criança vê, ouve, quer saber e precisa de ter quem escute, quem a ajude a compreender e aceitar a vida... Enfim, precisa da ternura da mãe que explica e ensina a ser verdadeiro, compreensivo e ter o sentido de justiça.

Toca a sineta. Todos no refeitório para a refeição familiar. Comeu-se, cantou-se e deu-se graças a Deus.

No salão, o conjunto tocou. Não faltaram artistas a cantar.

Na capela, toda a família reunida para a celebração da Eucaristia, onde sentimos mais profundamente o despojamento e humildade de Jesus em Belém.

Após a Missa do Galo, procedeu-se à distribuição dos presentes a toda a família. Tomaram o cacau e cada um abalou para a sua camita. Mas, nos quartos dos «Batatinhas», havia choro. — Que será?! Ilídio não sabia pôr a funcionar o carro telecomandado! Queria ajuda. Foi pronta.



A equipa da Casa do Gaiato, do Tojal. Em cima, da esquerda para a direita: Abílio, Luís, Fontes, Eduardo, Zeca e «Croques». Em baixo: Luís Filipe, Ângelo, Nisa, Renato, Zézinho e Osvaldo.

Dia 25, muita chuva. Mas, pelas caras, muita alegria.

Assim foi o nosso Natal.

Não faltou o pedido dos pequeninos e até dos maiores para que o Ano Novo traga mães prudentes, corajosas, sentindo o dom de uma família.

Esquecia outro facto que só Deus pode agradecer: A ternura do Toni (engenheiro) e da Paula (advogada) que, todos os anos, andam pelas firmas a recolher prendas para o nosso Natal. Comparo-os aos pastores que correram a Belém, levando o melhor que tinham. Dar alegria é também receber.

Maria Angélica

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA S. FRANCISCO DE ASSIS — Jesus nasceu e, com ele, veio a Paz, o Amor e a Fé. Que felicidade! Que a Paz do Natal nos acompanhe e, durante todo o Ano Novo, que as bênçãos do Menino Jesus protejam o vosso lar e o vosso trabalho, tornando mais felizes todos os dias do ano. São estes os nossos desejos para todos os Amigos, e também os votos que nos têm enviado.

Graças aos nossos amigos, repetimos, as famílias que ajudamos tiveram um Natal mais quente e feliz. Às crianças não faltaram brinquedos e guloseimas.

Temos pena de não podermos dar casa aos que têm falta dela; e são muitos.

Seria uma boa prenda de Natal, mas é um problema muito grande. Temos muitas pessoas, novas, velhas e crianças, sem tecto para se protegerem da chuva e do frio. Vontade não nos falta, mas é muito difícil de resolver.

Com a ajuda de Deus e de todos vós, não vamos desistir nem parar. Vamos conseguir. Continuemos a lutar, por isso não percamos a esperança.

Recebemos 5.000\$00 com «muitas bênçãos de Deus para 1991»; de uma viúva com 80 anos, 2.000\$00. «Para os nossos irmãos em Cristo», 2.000\$00. Da assinante 18047, 50.000\$00. Casal amigo, de Coimbra, 42.500\$00. «Que o Ano Novo traga muitas graças do Senhor», 2.000\$00. Assinante 26983, 10.000\$00. José Almeida, 10.000\$00. «Para alegrar o Natal de duas famílias», 2.000\$00 de M. M. Anónimo, 10.000\$00; mais 3.000\$00 de outro anónimo. «Para a ceia de Natal de uma família», 2.000\$00. «Para ajuda da festa de Natal do rapaz doente», 1.000\$00. Da assinante 8047 — «É pouco, mas é o que posso dispor»: 5.000\$00. João Figueiredo, 5.000\$00. De quem pede «uma oração por uma filha gravemente doente», 1.000\$00. «Com um abraço em Cristo», da Faculdade de Teologia do Porto, 4.030\$00. Por Paulo, Graça e Isabel: 1.500\$00 «para o leite do bebé». Um amigo, da Alemanha, 200 marcos.

Deus vos pague a ajuda que têm dado aos nossos Pobres.

Maria Germana e Augusto

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO

Continuam a chegar até nós mensagens de solidariedade de amigos da Obra da Rua, que também vêm na Cooperativa de Habitação uma maneira de expandirem o seu amor e carinho para com os nossos irmãos em dificuldade para conseguirem uma habitação digna de seres humanos.

A confirmar o que escrevemos, citamos uma carta de Almada:

«Caros amigos. Leio O GAIATO de fio a pavio e tomei conhecimento da vossa organização para a ajuda aos vossos irmãos mais necessitados de casa. Não há possibilidade de educar filhos e ter uma vida familiar estável sem uma casa. Mando um cheque de 20.000\$00. Não é nada para o que precisam. Espero voltar mais vezes. Não precisam agradecer nem

quero o meu nome em lado nenhum.

Que o Senhor fale ao coração de muitos para que vos ajudem.»

O sublinhado é nosso.

Outras ofertas chegaram, e todas cheias de amor e carinho: Um anónimo, 500\$00; Fiães, com nova presença de 5.000\$00; António Augusto, de V. N. Gaia, cheque de 50.000\$00 para «ajudar a construção de uma casa para um gaiato, oferta de uma pessoa de família muito querida»; Manuel Jorge, do Porto, 10.000\$00; Rosalina, da Póvoa de Varzim, 2.500\$00 com esta mensagem: «Uma pequena parcela para que a Cooperativa dos Gaiatos seja cada vez maior»; através da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, 100.000\$00 de diversas ofertas.

Os nossos agradecimentos.

Carlos Gonçalves



Um neto de antigos gaiatos — Joaquim Mendes e Joaquim Gomes — duas vezes bisneto da Obra da Rua.

Correspondência de família

• «Prestes que estamos a entrar em 1991, afigura-se-nos, à partida, um ano cheio de dificuldades e carregado de nuvens negras. É a iminência do eclodir do conflito no Golfo. É o sofrimento e martírio do povo timorense... São os muitos milhões de crianças (e não só!) que num mundo atrasado e perfeitamente distante do Norte/Ocidente da vanguarda, morrem vítimas da fome e de condições infra-humanas. São, também, os conflitos étnico-raciais, tribais e políticos que fervilham em vários países. Um ano se adivinha pleno de violência, cheio de conflitos sangrentos e onde as dificuldades económicas e sociais vão ser muitas.

Todavia, é minha convicção que esta cadeia de eventos não traduz nem pouco mais ou menos a centelha de esperança que o fim da década de 80 transportou para dentro da década de 90. 1991 e anos subsequentes são tempo de esperança, de maior bem-estar, de acrescido progresso em todas as vertentes, de solidariedade, de conciliação e aproximação dos povos, de derrube dos últimos muros de tirania, de extinção duma boa parte dos conflitos e guerras que há 20 anos vêm ensombrando e angustiando o mundo.

O século XXI será palco de acontecimentos sem paralelo na história dos homens. Novos e

jovens países, dentro de alguns anos, com índices de fulgor económico. O surto tecnológico atingirá uma projecção notável, revolucionando profundamente todas as áreas do trabalho, das empresas.

Mas esta década de 90 é para todos nós um tempo de muito maiores responsabilidades, de muito maior empenhamento e participação na senda desta torrente de evolução e progresso. Ninguém tem o direito de ficar de fora. À Igreja e aos cristãos cabe um papel particularmente importante em termos de acompanhamento activo e efectivo de todos estes sinais dos tempos que prenunciam novos valores humanos e cristãos. Impõe-se que a Hierarquia e todos os cristãos leigos mergulhem profundamente nos fundamentos de toda a doutrina cristã, vivenciem as grandes linhas orientadoras conciliares, escancarem de vez a porta do Ecumenismo, conciliem pela via do diálogo e da concertação as clivagens entre as várias religiões e credos e sejam portadores em toda a plenitude da semente que é necessário fazer germinar nesta seara que está já aí pronta a receber tudo aquilo que queiramos, saibamos e sejamos capazes de lhe deitar. Os cristãos necessitam, mais do que nunca, para acompanharem e serem promotores desta escalada de pro-

gresso e bem-estar, que, estamos certos, a humanidade vai protagonizar, de fazerem um regresso a Nazaré, imbuindo a sua vida dos valores familiares que a Sagrada Família nos legou. Só, assim, a sociedade pode ser bem levedada com este progresso social e cristão.

José Rogério»

• «Um grande abraço cheio de saudades deste gaiato que nunca vos esquece. Muitos beijinhos da Cecília, Lena e José.

Que este Natal de 1990 e novo ano traga muitas venturas e, sobretudo, seja um ano cheio de graça e santidade. E que a nossa oração para o novo ano seja: 'Acabai, Senhor, com a guerra e o ódio. Que a Vossa Paz reine entre os homens'.

Aqui, na África do Sul, actualmente, há muita guerra e muito ódio, e todos nos esquecemos que somos irmãos.

Nós, por cá, estamos bem, graças a Deus. O José fez 21 anos. Está quase a acabar o curso de Engenharia-Mecânica. A Lena, com 18 anos, trabalha como secretária numa Companhia de Seguros. A Cecília e eu trabalhamos na mesma firma, uma fábrica de *pulp* e papel.

Um grande abraço para toda a malta.

Edgar»

DOCTRINA



É a paixão do garoto da Rua

• Sim; com pouco mais de oito mil escudos e quase zero de mercearia, vamos lançar os gaiatos no seio das Colónias de Campo, com muita esperança na tarefa de futuros *maises*: Figueira, Curia, Luso, Buçaco. Falo então com mais eloquência, mais instante o meu pedir, que a isso me obriga o rilhar da pequenada — cinquenta bocas, sem falar no mais.

• Levo para aquelas terras o cheiro da urze e da resina, transbordo de alegria e de cuidados, sou o mensageiro zeloso e activo de sua excelência o Gaiato. O Gaiato da Rua! Nada no mundo mais espontâneo nem mais original. Ele é rei. Não governa, impera; não possui, domina. Onde quer que se encontre, o gaiato está no perfeito à-vontade de sua casa. Foge em demanda de ninhos, lança no espaço bolas de sabão e o som estridente de assobios que ele faz, aterra os ouvidos do pobre viandante. Ai!, que se tu conhecesses de perto a beleza descuidada do gaiato, havias de fazer sangue nos pés, a correr atrás dele, somente para lhe poderes chamar teu. Rei por toda a parte. Apupa os comboios, trepa às camionetas, goza tanto como os noivos no desfile de casamentos. Para ele asseiam os caixeiros as montras, passam fitas no écran, tocam bandas nos jardins, abrem-se portas de museus — impera o gaiato. São para ele a chuva que cai e o sol que brilha. Nas cheias do Mondego, quando toda a gente acode e grita, o gaiato goza basto. Água pela cinta como patos a grasnar, é vê-los tirar do formidável engenho esquadras inteiras de latas de sardinhas e lançá-las em linha de combate, muito mais felizes, que os Nelsons que têm desembarcado vitórias navais em arcos de triunfo — reina o gaiato.

• Foi esta a parte que o Filho do Homem escolheu. Se o Mestre acalentou crianças outrora, é bom discípulo quem faz o mesmo, por Seu amor. Olha que eu não tenho mais nada no mundo, senão a indigência dos pequeninos que levo! Tu acalenta bem, se me ajudares a fazer-lhes a cama. O nosso bom Deus guarda o teu depósito em banco que não falha: «Eu serei a tua mercê», diz Ele.

D. Amén 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2ª vol.)

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Senhor Deus que nunca falta àqueles que n'Ele confiam.

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

LUZ É ESPERANÇA!

*Coloco-me em cima do globo.
Descubro um fumo negro
Que é um estorvo
E mete medo
Às populações, às montanhas e aos rios.
Até os animais ficam intranquilos.*

*Propagam-se as conquistas
E as epidemias.
Há sofrimento, suor e dor
Só porque o amor
Não é sentido
Nem vivido.
É apenas uma palavra
Sem força nem graça.*

*Tenho a minha cabeça entre as mãos
E o meu coração dorido da solidão.
De súbito, avisto ao longe uma Luz que brilha!
Com ela tem já outro sabor e cor a vida!*

Manuel Amândio

Começou o mês com cinco contos, de Coimbra; dezassete, de Figueiró dos Vinhos; e cinco, para Missas. No dia seguinte, vinte, de anónimo, da Lousã. Depois, cinco, de Lisboa; quinze, de Coimbra; cinco, de Santarém; cinquenta, de Cónego de Portalegre; cinco, de Coimbra; três e meio, da mesma terra; mil, de Cantanhede.

Voltando a página temos seis, de Coimbra; vinte, de Tomar; dez, de Lourçal; dez, numa caixa do Pessoal do Departamento Postal de Castelo Branco; três e meio, de Alcorochel; mil, de Santarém; cinco, de Viseu; cinco, da Pampilhosa; cinco, mais cinco, mais cinco, de Coimbra; trinta, de Vila Real; vinte, da Flor da Rosa; dois, de Amadora; e muitos de Coimbra com um dos párcos à frente.

Depois, sete e meio, da Mealhada; dois e meio, de Cascais; cinco, de Covões; cinco, de Castelo Branco; cento e cinquenta francos, de português a trabalhar na Suíça; trinta e dois e meio, de Coimbra; cinco, de Lisboa; mil, de Odivelas; cinco, da Figueira; cem, de C. de Ansiães; dois, de Lisboa; dois, de Montemor-o-Velho; um e meio, da Covilhã; cinco, de S. João da Pesqueira; trinta, de Penela; cinco, de Fiães; cinco, de Leiria; cinco, de Pombal; cinco, de Tomar; cinquenta, de familiar de Padre Telmo; dez, do Crato; três, mais cinco, de Miranda do Corvo; doze, de Unhais da Serra; cinco, de Mira; dez, das amiguitas de há mui-

tos anos; três e meio, de Braga; três, da Mealhada; cinco, de Almada; três, de Cantanhede.

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); *Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato* (2 volumes); *Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina* (3 volumes); *Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.*

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; *Calvário*, Padre Baptista; *A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida*, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; *O Lodo e as Estrelas*, Padre Telmo Ferraz.

★

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

O nosso jornal é pequenino para dizer tudo o que foram levar ao nosso Lar de Coimbra e à Casa de Castelo e à lojinha do Fernando. Foram muitos envelopes, muitos embrulhos e muitas outras coisas. 8.705\$50 encontrados no Supermercado da Manutenção Militar. Cento e vinte, do Secretariado das Agências Funerárias. Cinquenta, da Caixa de Crédito Agrícola.

E continuamos: Sessenta, da Covilhã, de Amiga que vem de há muitos anos; cinco, da Vila do Touro; dois, de S. Miguel do Rio Torto; um e meio, de S. Sebastião; mil, de Arganil; dois, de Tomar; 6.700\$00, de grupo da Figueira; sessenta, de Santa Cita; trinta e seis, de Leiria; cinco, de Penacova; dez, de Castanheira de Pêra; dez, de V.N. de Gaia; quinze, de Santarém; trinta, de Queluz.

Setenta e cinco, da Câmara de Miranda do Corvo; sete e meio, do Porto; vinte, mais quarenta, da Golegã; cinco, de Buarcos; dois, de Mira; 14.832\$00, pelo Tribunal de Leiria; três, de Amadora; mil, de Aveiro; cinco, de Porto de Mós; cinco, de S. de Martinho; dois, de Valongo de Cernache; cinco, de Anadia; 56.050\$00, do primeiro ordenado de jovem de Soure; cem, de Amiga, da Lousã; cem e muitos mimos na festa de Natal da fábrica, em Avelãs de Caminho; o casal de Pereira do Campo; o casal das Meãs; a Amiga, de Vilar Formoso; dez, de Proença-a-Nova; e muitos mimos e dinheiro na minha aldeia.

Padre Horácio

Correspondência dos Leitores

É um manancial (que nem sempre aproveitamos tanto quanto deve ser) o produto da inquietação que O GAIATO semeia em seus Leitores e que os provoca ao diálogo, como acontece a tantos e aconteceu a este, a quem hoje vamos responder.

«Junto envio uma migalha para a grande Obra de um homem de grande estatura, o Padre Américo.

Permitam-me uma sugestão e um reparo.

A sugestão:

Lancem a nível nacional e internacional (emigrantes) uma campanha a favor de habitação condigna, para as centenas de milhares de portugueses que, de outro modo, estão condenados a viver até à morte, em tugúrios miseráveis, e (ou) em situação de promiscuidade aviltante.

O reparo: Poderia ser o vosso jornal mais social e menos religioso? Compunha-me a estafada frase: 'Quem dá aos Pobres empresta a Deus'. Cheira a negócio, rançoso, miserabilista e farisaico. Não acredito que só assim as pessoas consigam fazer algum bem...

Pedindo desculpa do desabafo, cumprimenta-os,
o Assinante 4862»

Não tem de que pedir desculpa. Um desabafo é abertura da alma a alguém que se estima e em quem se confia. Somos nós, portanto, os agradecidos. E vamos à sugestão.

Leitor que é d'O GAIATO, sabe que o problema da habitação foi sempre — e nomeadamente desde que em 1951 Pai Américo lançou o Património dos Pobres, assim baptizado por uma voz que veio, justamente, do povo que nos acompanha — foi sempre, dizia, uma presença constante nas colunas do Famoso. Aliás, desde as ruas de Coimbra, onde Pai Américo fez a sua tarimba, os «tugúrios miseráveis», «as situações de promiscuidade aviltante» feriram a sua alma, de modo que podemos dizer que foi ali e então que teve origem o movimento que depois viria a frutificar em tantas realizações que buscam com paixão o remédio de tais males. Agora foi a palavra que surgiu a Pai Américo para encabeçar a mobilização de esforços neste sentido. E graças a Deus esta palavra não mais deixou de ser actualidade em cada momento que passa. É ver nos artigos assim epigrafados, que de vez em quando damos à estampa, como há *tocados* desde a primeira hora que ainda não acusaram cansaço e como a estes tantos se têm juntado, e hão-de continuar a juntar-se, ao longo do tempo.

O problema é imenso e não está ao alcance deste ou daquele erradicá-lo. Só todos o podemos fazer. Mas tal passa por um despertar da consciência colectiva que

há-de mover a vontade dos poderosos, políticos e económicos, para a urgência deste problema, o que exige concomitância com outros planos de progresso, pois se se espera que, primeiro, o País seja rico, para depois atender os seus Pobres, nunca se chegará a lado nenhum: nem a uma riqueza autêntica do País (que mais consiste nas pessoas do que nas coisas) nem ao remédio dos seus Pobres.

É a este nível de consciência que se centraram e centram todas as «campanhas» de Pai Américo. Escreveu ele, e repetiu-o vezes sem conta, que nas obras sociais a última coisa a procurar é o dinheiro. A Justiça que se procura estabelecer ou restabelecer tem um dinamismo próprio, como a planta que germina e cresce. Ninguém lho dá; apenas se pode favorecer e favorece com a sacha, a monda, a adubação... os tratamentos adequados. Pai Américo pensava numa Justiça que vem do Justo e não em qualquer outra produzida pelos homens... (Cá estamos nós no religioso!) Estas justicazinhas — é sabido e as últimas Encíclicas Sociais o têm denunciado — fundadas nas ciências e técnicas do económico e financeiro, geram um mundo em que os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

A debilidade da Justiça no mundo provém exactamente deste corte da Fonte da Justiça.

O problema dos tugúrios e de muitas outras misérias não se resolve só, nem sobretudo, com campanhas de fundos. Resolve-se, sim, com uma lógica implacável cujo fundamento só o religioso pode conferir ao social: Se a Justiça deve a cada homem o necessário e suficiente para o manter em nível de humanidade, a Justiça é o potencial bastante. O que é preciso é que os homens procurem humildemente e bebam sábia-mente o fiozinho de *água viva* que brota da Fonte e o administrem com fidelidade. E cada um terá o seu quinhão de que se dessedentar.

Foi o que Pai Américo fez e fez compreender a tantos que, escutando-o, lhe deram as mãos e tornaram possível a «grande obra» proporcionada à sua «grande estatura», para usar as palavras com que abre a sua carta o nosso correspondente; grande obra social porque profundamente religiosa, de um misticismo verdadeiramente encarnado que dá pão aos que têm fome, remédio aos que sofrem doenças, casa aos que a não têm, como Jesus fez e mandou aos Seus discípulos que fizessem.

Quanto à frase que o compunha, tem muita razão: ela não tem qualquer ressonância do Evangelho. Jesus mandou simplesmente que nos amássemos como Ele nos amou: em plenitude de gratuidade.

Padre Carlos



O Calvário é assim: Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes.

ENCONTROS

EM LISBOA

Continuação da página 1

de aflição sobre o onde depositar o fruto amadurecido de seus ventres. Crianças embasbacadas com olhares fugitivos e distantes. Naquela desumanidade são dezenas delas. Como outras, surge o Hugo e o Pedro. Sete anos. Gémeos. Corpo e mentalidade de cinco. No Centro de Saúde perguntam e voltam a perguntar: «O que é isto (o lavatório)? Para que serve? Donde vem a água? Para onde se esconde?» Isto, em Lisboa, no mês de Janeiro de 1991. Por perto do bairro, grandes fábricas, estradas largas, comboios rápidos, auto-estradas, supermercados, aviões que rasgam os céus. Ali, no silêncio, vidas humanas definham, vidas paradas apodrecendo na indignidade, com o aconchego da nossa inconsciência.

Dizem-me que «na montureira pode nascer uma flor». Tentamos, assim, esconder, escamotear, tranquilizar a nossa boa consciência, diante da desgraça que é para eles e para nós aquela situação. As analogias claudicam. O estreme é elemento natural para as plantas, não é meio para o ser humano.

Todas as vezes que vou a um bairro de lata fico sem jeito. Sofro a desgraça. Recordo promessas de progresso e bem-estar. Sinto o grito da dignidade ali a acusar-me a mim e a todos nós. É um grito da consciência humana.

Oíço e leio grandes discursos sobre grandes empreendimentos. Não vejo projectos que acabem de vez com estas situações. Dar con-

dições de habitabilidade, criar esperança nos caminhos humanos, não será este o maior, o melhor e o mais digno investimento?

Cada dia que passa, nestes bairros de lata, luta-se pela sobrevivência, criam-se revoltas que enchem vidas, matam-se esperanças. Afirmam-me que são investimentos não rentáveis. Teremos perdido a consciência? Haverá possibilidade de comparar a vida humana com qualquer rentabilidade?

Padre Manuel Cristóvão

SETÚBAL

Continuação da página 1

com a nossa colaboração, comprou a casinha em vista e lá instalou, num dos anexos, a família em causa, muito melhor do que na barraca onde vegetava, enquanto prepara uma reparação geral da casa adquirida.

Foi um ensaio da Paróquia para viver, em espírito evangélico, a festa do Natal.

Resultou em cheio!... Normalmente é assim quando os párocos põem em si as feridas dos Pobres!

Se todas as paróquias se empenhassem, muito concretamente, com os Pobres da sua área... ai, como a Estrela de Belém brilharia mais claramente para todos os homens!... Só pelos pobres se chega aos ricos. Só pelo amor do homem se entende o amor de Deus! Só pela revelação (acto) do amor se vê *Aquele que é Amor!*

Padre Acílio

• Mal vai a uma Igreja que não gera carismas — ouvi, há dias, a um sacerdote.

Assim é. Muito mal mesmo!

Partos fáceis a multiplicar balões pintadinhos e leves como plumas. Nós, sorridentes, de balãozinho na mão.

Senão, abramos o ficheiro:

Tantas romarias sem fé nem obras do Cristo vivo...

Festas pagãs «de romba» com o rótulo dos santos, em vez do «serviço dos Pobres e das viúvas»...

Conventos vazios...

Falta de vocações...

Tantas paróquias — de baptizados, casamentos e funerais — sem vida e sem catequese...

Instalados no nosso poiso...

Também, entalados e embrulhados por políticas sociais...: Remunerações para fazermos o bem; dinheiro para atendermos o Pobre.

Numa paróquia em aflição para concluir uma creche por causa da verba do Estado, ninguém fala nas crianças! O edifício e o dinheiro...

Construções e verbas não são Igreja! Sem o amor e a doação ficarão paredes frias. Quando tudo é pago, como gerar carismas?

PARTILHANDO

Parámos. Temos tudo. Não caminhamos.

Cristo veio dar-nos Vida. Pôr Seu povo em movimento. Ele próprio foi e é um caminhante.

Acorda! Caminha! Como podemos ordenar se nós próprios esperamos na grande sala de sofás que construímos?!

• Uma senhora veio para nos conhecer... Viu tudo. Ela tinha no coração as palavras do Mestre: «Vinde e vede» e os artigos e lindas fotos d'O GAIATO.

Não contava encontrar uma senhora escondida por montes de roupa; e na ajuda aos rapazes no remexer e provar da sopa e do arroz.

Também, logo de manhã, se esbarrou com o David que levava às costas o cobertor e o lençol que tinha mijado para os estender ao sol.

Mais, a forte impressão que lhe causou a solidão da senhora da Obra (sozinha há quase 40 anos neste

serviço humilde e esquecido!). Sem um brilho! Nem uma cruzinha ao peito para carimbar como serviço do Senhor! Tudo somente no coração!

E mais, muito pior, os nossos defeitos, fraquezas e pontapés na gramática dos métodos pedagógicos.

Foi-se ao fim da tarde do segundo dia. O sol estava pálido. Ficou-me a impressão do seu olhar triste e carregado de desilusão. Como quem encontrou um tesoiro e não quer assumir o campo que o contém.

Não agrada nada um campo com silvas e pedregulhos. Mas, minha senhora, é nele que o tesoiro se encontra.

Não há alternativa. Abracemos os dois e, pouco a pouco, vamos removendo os pedregulhos.

Não desanime. Não perca a esperança. Nem olhe para trás, depois de ter posto a mão na rabiça do arado.

Padre Telmo



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788998